

Cavando

Entre polegar e indicador
Aconchega-se a caneta; firme como arma.

Sob a janela, o som seco e áspero
Da pá que se enterra em chão pedregoso:
O meu pai, cavando. Baixo o olhar

Sobre o dorso esforçado entre os canteiros
Vergando-se, erguendo-se a vinte anos de distância
Curvado ao ritmo de regos de batata
Onde cavava.

A bota rude fincando-se na pá, a perna
Firme contra o cabo, em alavanca.
Ele arrancava ramos, a lâmina brilhante ia bem fundo
E espalhava batatas novas que apanhávamos,
Gozando a dureza fria nas nossas mãos.

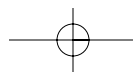
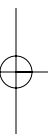
Meu Deus, o velho manejava bem a pá.
Tal como o velho dele.

O meu avô cortava mais turfa num dia
Que qualquer outro homem na turfeira de Toner.
Levei-lhe uma vez leite numa garrafa
Com rolha amolecida de papel. Ergueu-se apenas
P'ra beber, e logo se vergou de novo
Sachando e cortando com gana, lançando torrões
Sobre o ombro, buscando mais e mais fundo
A boa turfa. Cavando.

O odor frio do húmus da batata, os sons lodosos
Da turfa molhada, os golpes bruscos da lâmina
Em raízes vivas acordam-me na mente.
Mas não tenho uma pá p'ra lhes seguir o exemplo.



Entre polegar e indicador
Aconchega-se a caneta.
Com ela hei-de cavar.



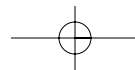
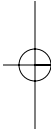
Morte de um Naturalista

A represa do linho apodrecia no coração
Do povoado, durante todo o ano;
Verde, pesado e pendente, decompusera-se o linho,
Afundado por grandes torrões. Dia a dia
Supurava sob um sol implacável.
Gorgolejavam bolhas delicadas, besouros
Zumbiam grossa gaze de som sobre o odor.
Havia libélulas, coloridas borboletas,
Mas o melhor era a baba espessa e morna
De ovos de rã, crescendo como água coalhada
Na sombra das margens. Aí, pela primavera
Eu enchia boiões desses átomos gelatinosos
Que alinhava em parapeitos lá em casa,
Em prateleiras na escola, e olhava e esperava até
Que os pontinhos crescentes explodissem em
Girinos que nadavam. Miss Walls então contava
Como a rã-papá se chamava rã macho
E coaxava forte, e como a rã-mamã
Punha ovinhos às centenas, todos esses
Ovos de rã. Pelas rãs também se via
Que tempo ia estar, pois eram amarelas
Ao sol e castanhas
À chuva.

Então num dia quente com os campos acerbos
De estrume na erva, as rãs iradas
Invadiram a represa; curvei-me furtivo
Pelas sebes, sob um rude coaxar que nunca
Antes ouvira. O ar estava denso com um rouco coral.
Sobre a represa acocoravam-se rãs de ventre inchado.
Como velas, pulsava-lhes o pescoço mole.
Um saltavam: *plop, tchap* — ameaças obscenas.
Sentadas num aprumo de granadas de lama, outras
Peidavam-se pelas cabeças impudentes.



Deu-me náusea, virei-me, fugi. As soberanas do lodo
Reuniam-se ali para uma vingança, e eu sabia
Que se mergulhasse a mão os ovos ma agarravam.



A Apanha das Amoras

Para Philip Hobsbaum

Por fins de Agosto, com chuva forte e sol
Toda uma semana, amadureciam as amoras.
A princípio, uma só, luzidio coágulo púrpura
Entre outras, rubras, verdes, duras como um nó.
Comia-se a primeira e era carnuda e doce
Como vinho fermentado: era o sangue do Verão
Tingindo-nos a língua com o desejo de as
Colher. Escureciam então as vermelhas, e essa fome
Levava-nos com canecas, latas, boiões
Onde as silvas arranhavam e erva húmida
Polia as botas. Por prados, lameiros e searas
Seguíamos na apanha até enchermos as vasilhas,
Até que o seu fundo tilintante se cobria
Com as verdes, e por cima borrões negros reluziam
Como um prato de olhos. Picadas de espinhos
Ardiam-nos nas mãos, tão pegajosas
Como as do Barba-Azul.

Guardávamos as bagas frescas no curral.
Mas mal a dorna enchia lhe víamos uma penugem,
Um fungo cinza-rato devorando-nos o tesouro.
Também o sumo estava pestilento. Mal o colhíamos,
Fermentava o fruto, azedava a doce carne.
Apetecia-me chorar. Não era justo
Que tanto deleite fosse agora podridão.
Ano a ano esperava conservá-las,
Sabendo bem que não.